

Revista de Literatura,
História e Memória



Dossiê: Literatura e suas
Fronteiras: do Local e do Global
ISSN 1983-1498

VOL. 15 - Nº 25 - 2019

UNIOESTE/CASCADEL - P. 49-59

DIÁLOGO ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA NO
CONTO “SAUDADE”, DE CYRO MARTINS

Dialogue between literature and history in Cyro Martins
“Saudade”

Elisa Capelari Pedrozo¹

RESUMO: O presente artigo analisa as relações existentes entre Literatura e História, com enfoque na ambientação ressignificada pela memória da voz narrativa – na primeira pessoa do singular, em “Saudade”, conto assinado por Cyro Martins, integrante da obra *Paz nos campos: contos e novelas* (1957). Neste estudo, considera-se que a construção literária do texto é um entrelaçamento entre a imaginação e os fatos vividos pelo “gaúcho a pé”, marca registrada dos escritos de Martins. Isso resulta, de alguma forma, no conhecimento histórico-literário do homem do campo, marginalizado pela evolução dos fenômenos econômicos, políticos

e sociais no início do século XX. Para tanto, resgatam-se as produções de diversos pesquisadores acerca da Literatura e História, tais como: Pesavento (1986), Alves; FURG (2002), Freitas et al (1997), Dimas (1985) e Pozenato (2003). Com a finalidade de entender as paisagens e a visão de um gaúcho menos regional e mais universal, observa-se a história do Rio Grande do Sul presente no conto.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; História; Cyro Martins.

ABSTRACT: This paper analyses the relations between Literature and History in Cyro Martins "Saudade", presented in the piece *Paz nos campos: contos e novelas* (1957). It focuses on the environment, which is modified by the narrative voice. The first-person singular, through the narrative voice's memory, does it. This study considers that the literary construction of the text is a connection between the imagination and the facts lived by the “gaúcho a pé”, Martins' trilogy. It results in the historical and literary knowledge over the men living in the countryside, marginalized by the evolution of the economic, politic and social phenomena in the beginning of the twentieth century. For the development of this paper, some researches over Literature and History like Pesavento (1986), Alves; FURG (2002), Freitas et al (1997), Dimas (1985) and Pozenato (2003) were studied. Through an analysis over the history of Rio Grande do Sul, the short story presents a deep understanding of the scenery and a less regional but more universal gaúcho.

KEYWORDS: Literature; History; Cyro Martins.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste trabalho discute-se algumas possibilidades de diálogos entre a História e a Literatura. Busca-se focar a proximidade entre esses dois campos teóricos, compreendendo suas diferenças a partir da leitura do conto “Saudade”, assinado por Cyro Martins. A relação entre a História e a Literatura presente na narrativa traz à baila uma reflexão interdisciplinar

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura (PPGLet) da Universidade de Caxias do Sul (bolsista TAXA/CAPES). Integrante do grupo de pesquisa “Leitura sob o signo do gênero: recepção e leitura do texto literário” (LEITORA1), coordenado pela Prof.^a Dr.^a Cecil Jeanine Albert Zinani. Licenciada em Letras pela Universidade de Caxias do Sul (2018). elisacapelari@gmail.com

que privilegia os saberes a respeito da história do Rio Grande do Sul e a tendência literária sulina, iniciada na primeira metade do século XX, conhecida como o mito do gaúcho herói.

Nessa direção, percebe-se que, embora existam peculiaridades que singularizam História e Literatura, aqui a ambientação proporciona uma análise em que as duas ciências aproximam-se. O conto é uma ficção que deflagra acontecimentos possíveis, no RS da década de 1940, bem como pode-se dizer que a História se assemelha a uma narrativa, ainda que seja baseada em fatos reais.

O narrador em primeira pessoa do singular, criado por Martins para “Saudade”, relata ao narratário um episódio do passado, tendo por objetivo chegar ao seu produto final, tal qual ocorre com a História, que (re)conta fatos sobre a realidade da sociedade em questão. As tessituras literárias e históricas misturam-se e confrontam-se, pois ambas possuem personagens, tramas e enredos nas suas construções.

O entrelugar ocupado pelo conto “Saudade”, cujas linhas de separação entre História e Literatura são difíceis de demarcar, conduz a presente análise. As personagens com menções históricas que aparecem na narrativa, unem a ficção à História, para que o literário e o oficial acerca de uma mesma época se entrelaçam, tornando visível uma personagem gaúcha com características universais e menos regionalistas – o caso do vaqueiro Guedes.

2 O UNIVERSO DE CYRO MARTINS

Cyro dos Santos Martins foi um intelectual de grande importância para o cenário cultural gaúcho, seja literário ou científico. Formado em Medicina, especialista em Psicanálise, o escritor porto-alegrense foi um dos pioneiros no estudo e aplicação da teoria freudiana no Rio Grande do Sul, além de liderar diversas entidades ligadas aos estudos psicanalíticos, reconhecidas internacionalmente.

No que tange ao processo de criação literária de Martins, pesquisadores que se dedicam a estudar as produções do autor, como Antônio Carlos Hohlfeldt (2008, p. 10), acredita que “Cyro buscou ler e entender o Rio Grande, sua gente e sua história enquanto processo em evolução, cujas raízes antecederiam de muito seu próprio tempo e cujas consequências projetam-se bem além de nossa época”. Suas obras salientam três aspectos: o mito, a ideologia, a regionalidade, importantes à formação da teoria do “gaúcho a pé”.

Martins apresenta a face esquecida do homem do campo, inovando-o e subvertendo-o. Aqui, aparece a regionalidade, oposta ao regionalismo, que exalta a região; o autor cria uma literatura ambientada na região da campanha sulina. Ao se mostrar preocupado com os

problemas sociais e culturais de um tempo, Cyro demonstrou a marginalização do gaúcho. Assim, pode-se compreender melhor seus escritos, a escolha de seus temas, suas personagens e sua linguagem.

Quanto ao livro *Paz nos campos: contos e novelas* (1957), a primeira publicação de Cyro Martins, chama atenção a presença de diversos contos que deslocam a figura do homem do campo da idealização. No título o autor utiliza memórias de sua infância e adolescência, a fim de redesenhar a paisagem, as vivências da campanha e os percalços do “gaúcho a pé”, também símbolo dos romances: *Sem rumo* (1937), *Porteira fechada* (1944) e *Estrada nova* (1954). De acordo com Alexandra Munareto Soares (2009), o ambiente recriado nas narrativas de Cyro Martins procura retomar a infância. Em “Saudade” é possível perceber essa ligação, pois o protagonista Guedes tinha

[...] experimentado emoções gratificantes ao debruçar-me sobre o bocal desse poço [...] Não tenho más lembranças dos grandes perturbando meus “faz-de-conta”. Assim, sozinho, no meio duma enorme gadaria de osso e com vários cavaleiros-de-pau, longe das casas, mais de cem metros, eu ficava horas inteiras inventando histórias de vida campeira, de estância, de negócios de gado, de tropeadas, de aparte de boi para o saladeiro, de domas. Enfim, era uma construção fantástica baseada na realidade do dia-a-dia que embestia os meus olhos (1957, p. 25).

Nessa esteira, Soares (2009) pontua que Martins juntava causos escutados na venda de seu pai à observação de seus pacientes, para, mais tarde, transformar em história.

Hohlfeldt (2005) reconhece que Martins rompeu o mito do gaúcho herói, muito utilizado entre os escritores do Rio Grande do Sul no século XX, pois suas criações estavam na contramão do discurso das elites. Vive-se num período caracterizado pela troca do poder rural, em que o estancieiro passa a viver na cidade; a estrada de ferro, o automóvel e o caminhão substituem a manada de bois e o cavalo; a troca da pecuária extensiva pela agricultura maquinizada através da modernização econômica gera, segundo Hohlfeldt (2008, p. 17):

[...] toda a massa de homens sem alma e desenraizados, definitivamente marginalizados que constituem as figuras de Cyro Martins: expulsos do campo, marginalizados na cidade, integram-se ao contexto latino-americano do lado das sombras.

Tal qual ocorre com a personagem principal do conto “Saudade”, analisado neste trabalho.

3 O “GAÚCHO A PÉ”

Inspirado em representar a vida do habitante das vilas pobres que cercavam as cidades da campanha rio-grandense, Martins encontrou muito em comum com os aglomerados marginais das grandes cidades brasileiras. Todavia, apesar da semelhança física, a origem e a constituição do território gaúcho apresentam uma história específica e adentrada pelo escritor, na voz da personagem-narrador do conto “Saudade”.

Inúmeras são as indagações a respeito do povo do extremo sul do Brasil. Cyro Martins, em meados de 1940, percebeu a mudança que se iniciava na campanha com a reorganização dos modos de produção agrícola e escolheu para tema de sua ficção a origem do processo de marginalização do homem do campo. O escritor focou na gênese do “gaúcho a pé” para desvelar o surgimento da miséria nas cidades da fronteira do Estado.

Ernildo Stein (2008) considera que Martins converteu o cotidiano do RS em manifesto literário precioso para a época, desnudando a face árdua da realidade gaúcha. Não deixou um documento, mas um alerta. O autor descreve o lado velado da fronteira; mais real e menos ufanista do que as produções regionalistas mostravam. Para Stein (2008, p.52), “o escritor descobriu nosso anti-herói, o gaúcho abandonado entregue à própria sorte”.

O trabalho de Cyro Martins é um testemunho que provoca reflexões ainda hoje. Ele escreveu sob uma nova vertente da literatura sul-rio-grandense, escolheu como seguimento o setor da marginalidade da literatura latino-americana. A trilogia do “gaúcho a pé” desenhou o quadro duro da realidade no interior. Sem os recursos de questionamentos sociológicos, Martins precisou de “extraordinário nível de consciência crítica para detectar, com sua ficção, as marcas que os conflitos sociais e as relações de produção tinham provocado na campanha” (STEIN, 2008, p. 23).

A relação entre campo e cidade indicou a condição da marginalidade relatada nas obras de Cyro. A personagem marginal não é apenas enxotada pela maquinização oriunda do avanço tecnológico, mas também faz parte da população urbana desempregada. Martins evitou justificar o marginal e adentrou no desenvolvimento desigual do período. Hohlfeldt (2008) propõe averiguar a situação pelo viés da institucionalização da ordem das elites, que

[...] ao mesmo tempo em que expulsa e extirpa o tipo original humano - o gaúcho - proletarizando-o enquanto peão da estância, ao erigir as cercas e exigir a relação de trabalho formal com o proprietário estancieiro, constrói ideologicamente o discurso que generaliza e borra as fronteiras sociais, desenvolvendo o mito: de marginal social a integrador ideal, o gaúcho

desaparece da realidade para transfigurar-se na cultura (HOHFELDT, 2008, P. 10).

Analisando esse momento histórico, é possível inferir que o RS do século XX inspirou a constituição do “gaúcho a pé”, na obra do escritor porto-alegrense.

Mesmo que posposto ao conto “Saudade” (1957), o processo criador do “gaúcho a pé”, comportamento motivador da trilogia de Martins, pode ser observado na personalidade do protagonista do conto, o vaqueiro Guedes. Ao ver a realidade do homem do campo sob a sensibilidade de um psiquiatra, Martins fez a estreita relação entre as misérias e o perfil do pobre indivíduo sulino. Esses homens, conforme relata o autor:

[...] não passavam fome. Tomavam leite e comiam carne, arroz, feijão preto, abóbora nascida guacha ao redor do rancho, sim, guacha, sem mãe [...] Quase todos os posteiros, os que tinham como obrigação declarada cuidar o fundo das estâncias, aqueles plantavam uma lavourinha de milho, batata-doce, melancia e abóbora. E o patrão sempre lhe cedia uma ou duas vacas de leite. Mas, não restam dúvidas, eram marginais, porque não tinham a menor chance de melhorar de nível social e econômico. Em síntese, senti minha própria gente, e eu mesmo, muito perto da condição de marginal, não no sentido de delinquente, mas no de impossibilitado, por escassez de recursos, de participar da sociedade que vive em torno. (MARTINS, 1990, p. 27).

O “gaúcho a pé” é uma projeção das transformações sociais que não puderam realocá-lo na nova estrutura de produção do RS. Por isso, a tristeza que sente Guedes diante de sua decadência. Observa-se o saudosismo no excerto a seguir:

E agora tudo espedaçado, cheio de tapumes. Também, ajuizava, os tempos eram outros [...] Numa dobra de cêrro, esbarrou o cavalo. E acordou da saudade. A poucos metros um matungo deitado. Era quase só o esqueleto [...] O gaúcho reparou a marca. Olhou bem o pêlo. Carregou as linhas rijas do semblante. Caiu uma cerração na sua alma. Conhecia demais aquela marca! (MARTINS, 1957, p. 39).

Uma vez privado dos bens de subsistência, de seu cavalo e impelido a viver distante da cidade natal, foi impossível que a personagem resistisse com dignidade ao ambiente infértil que a fazenda se tornou.

4 REGIONALISMO *VERSUS* LOCALISMO

Com base nos estudos de Stein (2008), não é o centauro dos pampas que povoa a ficção de Cyro Martins, mudando o caráter das obras de regionalista para localista. Isto é, “o

regionalismo retrata uma ‘realidade eufórica’. O localismo evidencia os defeitos, as crises do grupo social em foco, sugerindo a reparação dos danos” (STEIN, 2008, p. 53). A personagem central de “Saudade” é a vítima das hipocrisias sociais que povoam o Estado no século XX.

Para que se compreenda o sentido de literatura localista, faz-se necessário penetrar no sentido de “literatura menor”. De acordo com Stein (2008), essa é considerada a que desmonta as máquinas sociais, mostra os vazamentos das grandes estruturas, no horizonte miniaturizado de uma região. Em virtude disso, a “literatura menor” não utiliza metáforas. Ela detecta, com sua força coletiva, o oprimido pelo universal. “A literatura menor é o elemento de qualquer revolução nas grandes literaturas” (STEIN, 2008, p. 56).

Cyro Martins encontrou seu espaço na “literatura menor”, explorando em suas narrativas o subdesenvolvimento da fronteira gaúcha. A linguagem expressa no conto traz marcas da desterritorialização que a personagem Guedes, um tipo gaúcho, sofre diante das mudanças que ocasionaram o seu êxodo rural. Pode-se verificar essa ordem vocabular, sintática e semântica, na passagem que segue: “potreada buenaça. Botaram olada grande, aquêles. Pegaram um fundo inteirito ainda. E que pingaços! Dês de crioulo bom ao mestiço de medida. Aquêles bagual colorado da ponta! E o tordilho vinagre, então?” (MARTINS, 1957, p. 38). Assim, a literatura martiniana mostra o social, enfocada pelo discurso ficcional. Entretanto, não caiu na linguagem regionalista. Há fortes marcas localistas em “Saudade”, pois todo o texto se harmoniza com o ambiente, a paisagem humana, as tensões e os confrontos daquela época.

Cyro Martins é objetivo e direto ao escrever sua ficção, mesmo que a linguagem esteja entre a barreira imposta pela imaginação e o real. A humildade, paciência e dureza do discurso confrontam-se com a pressa do homem e do tempo em que foi oprimido na campanha. Na “literatura menor”, “o verdadeiro social é a forma (...) não algo exterior, algo que o artista empresta ao conteúdo, ela faz tão intimamente parte do conteúdo, que ao próprio artista muitas vezes parece conteúdo.” (STEIN, 2008, p. 59). No decorrer do enredo, pode-se apreender o desejo de liberdade que Guedes possui.

O seu pensamento voou longe para trás no tempo, erradio. O olhar descansado na mansidão da paisagem, esquadrinhava detalhes (...) Os acontecimentos do presente, a guerra, a volta ao pago, a convivência dos novos camaradas, deliram-se, esbateram-se, para só ficarem dominando as reminiscências (MARTINS, 1957, p. 39).

O código linguístico da personagem principal se estreita pelo silêncio do campo. Guedes pensa mais do que fala, visto que lhe falta interlocutor. Mas, se a linguagem revela os sentimentos do marginalizado, também recupera a esperança de uma vida melhor, de mudança.

5 PAISAGENS RESSIGNIFICADAS

A ambientação de “Saudade” pode remeter às paisagens gaúchas do século XX. Nesse tipo de literatura, o que está em pauta é a visão do mundo transfigurada e remodelada pelo artista, capaz de dotar a realidade histórica de atributos exteriores, como evidência para encontrar o ponto de partida da narrativa. As descrições detalhadas ocorrem atreladas ao “conjunto de processos conhecidos ou possíveis, destinados a provocar, na narrativa, a noção de um determinado ambiente” (DIMAS, 1985, p. 20).

Para Antônio Dimas (1985), a ambientação compreende um narrador independente, distante da ação e que faz uso do descritivismo. O que não a torna menos pertinente, pois o contexto do enredo permite a sua compreensão. O conto em análise é exemplo desse recurso, empregado de modo adequado, porque, a partir da leitura, retrata-se o local em que a história se passa. O trecho que segue apresenta essa ambientação:

[...] tilintavam no ar fino e claro da manhã recém-aberta, os cincerros das madrinhas. As sombras estendidas na chapada, que era um verde só, refletiam os movimentos ágeis e prontos dos homens e dos animais. Afastados, os horizontes abriam-se lisos e pacíficos. Dos pastos crescidos e molhados de sereno, subia uma essência sutil e acre (MARTINS, 1957, p. 38).

O que marca, afinal, o texto é a situação de fronteira. Fronteira real e imaginária. Geografia real e geografia do coração. Muitas são as expressões espanholas que invadem o discurso, como a passagem em destaque “potreada buenaça” (MARTINS, 1957, p. 38). O lexema “buenaça” pode ser uma referência a “bueno”, adjetivo espanhol que significa bom. Assim, cria-se um território linguístico novo, não um dialeto.

Stein (2008, p. 60) ressalta que a situação geográfica e a língua de fronteira sugerem “evasões possíveis, nostalgias de outras terras, fugas da miséria e da miséria da consciência. Situações-limite. Fim de um país e começo de outro. Ou fim de outro país e começo da pátria”. Linguagem e geografia unidas para questionar os modos de produção que fomentaram o crescimento da marginalidade no RS, alimentando a solidão de Guedes.

A indagação cultural se junta à memória da infância de Guedes. Trata-se da solidariedade da paisagem, da distância, do esquecimento. Mesmo aqueles que transgridem a barreira do isolamento cultural no interior sulino, com suas viagens ao Mato Grosso, como a personagem, não conseguem evitar, ao retornar, a tristeza desse horizonte opressor. A partir da memória presentifica-se a ausência que é capaz de vir à tona no imaginário, a forma, a cor, o conteúdo e, até mesmo, o som e o cheiro dos animais. Como a passagem: “a poucos metros um

matungo deitado [...] Em redor o pasto estava amassado, quebrado, da refrega desesperada e extrema [...] Clarimundo Guedes sumui-se a galope na concavidade do horizonte” (MARTINS, 1957, p. 39).

Sandra Jatahy Pesavento (2008) afirma que a realidade é recriada com a descrição, preenchendo as lacunas e suprimindo os silêncios das confidências do narrador. Se é a memória a capacidade que o ser humano possui de reagir a um acontecimento, de conservar ou não a experiência com o mundo físico, a imagem é a experiência emotiva transmitida por gerações por meio da memória social.

6 A RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA NO CONTO

As revoluções que aconteceram no RS, são os acontecimentos mais festejados da historiografia do Estado, e sobre os quais mais se tem estudos regionalistas. O texto de Martins (1957) aponta mais para a regionalidade do que para o regionalismo, uma vez que aquela

[...] pode ser definida como uma dimensão espacial de um determinado fenômeno tomada como objeto de observação. Isto implica admitir que o mesmo fenômeno, visto sob a perspectiva da regionalidade, pode ser visto sob outras perspectivas (POZENATO, 2004, p. 3).

O regionalismo se encontra dentro de uma vertente idealista, defendida por aqueles que celebram os feitos de seus “heróis” e enxergam os conflitos como epopeias. Pesavento (1986, p. 8) avalia que, para a história tradicional, esses homens tornaram-se “símbolos de bravura do povo gaúcho e de suas ‘tendências libertárias’. Quanto a seus principais vultos, converteram-se nos exemplos mais representativos da ‘raça’ gaúcha, tais como altivez, coragem, desprendimento”.

Essas idealizações aparecem como símbolo da construção histórica sulina baseada em disputas democráticas e em uma sociedade que não tinha desigualdade de classes, a qual habitava o gaúcho monarca. Não ao acaso, o discurso encobre a legitimação e a coesão do sistema de dominação vigente à hegemonia do grupo agropecuarista no RS do século XX. Relacionando a teoria com o conto, percebe-se a reconstrução do passado no momento em que a personagem principal se vê em meio à crise da pecuária, e, esperançosa, cita suas referências políticas como para legitimar a busca por apoio aos detentores de capital do tempo presente. A citação que segue exemplifica a afirmação:

O passado lhe guiava as atitudes e as simpatias. Em Assis via Gaspar. Cultuava Gomerindo em Honório. Não fala num, sem evocar comovido a história do outro. Combatia Borges, como combatera Castilhos. Tinha o gesto largo de bênçãos, quando se referia ao renascimento de rebeldia do Rio Grande (MARTINS, 1957, p. 38).

Apesar de o momento político não ser propício para o retorno do protagonista à querência, Guedes decidiu voltar para a sua fazenda. Uma série de questões corroborara a disputa do poder gaúcho; no campo político, destaca-se a linha ideológica, escolhida pela personagem principal. Porém, dividia-se em dois diferentes projetos: o modelo castilhista, que defendia a implantação da ditadura positivista e o gasparismo que buscava a retomada do modelo liberal clássico. Francisco das Neves Alves (2002, p. 43) caracteriza a Revolução Federalista como “um quadro de crescentes paixões e ódios partidários, a Revolução Rio-Grandense de 1893-5 ficou demarcada pelo alto grau de violência de seus episódios, chegando a ser denominada de Revolta da Degola”. Por isso, faz-se importante mencionar a participação do protagonista, Clarimundo Guedes, na batalha.

As contradições políticas de noventa e três (1893) não foram resolvidas com a deflagração e pacificação após o término da revolução, ao contrário, as divergências partidárias agravaram-se ainda mais após a vitória de Castilhos, a qual “não se encerrou em si mesma, deitando raízes profundas que viriam a se manifestar ao longo das décadas seguintes, inclusive com a eclosão de novos focos” (ALVES; FURG, 2002, p. 43). Embora Guedes tenha se distanciado da querência por longos vinte anos, a fim de trabalhar nas terras do Mato Grosso, ao voltar, ficou próximo dos veteranos da revolta maragata e da moçada guapa de vinte e três (1923). Sua identificação com os líderes citados no conto tinha explicação clara, a defesa do lenço vermelho, feito o tenente.

Para adentrar ao cenário político da época, buscaram-se informações sobre essas figuras, esclarecendo as comparações feitas pela voz narrativa e, anteriormente, citadas. Joaquim Francisco de Assis Brasil, fundador do Partido Republicano Rio-Grandense, estava para Gaspar da Silveira Martins, liberal que se alia aos monarquistas, fato que levou o monarquista a propor uma reforma constitucional e a adoção ao parlamentarismo no Rio Grande do Sul. Era o início da Revolução Federalista, que durou de 1893 até 1895. Gumerindo Saraiva, militar brasileiro, comandante das tropas rebeldes durante a Revolução Federalista, estava para Honório Lemes da Silva, patriota, liberal e admirador de Gaspar, coronel na Revolução Federalista, e, em vinte e três (1923), lutou contra a posse de Borges de Medeiros.

Nessa linha de fortes emoções, durante os primeiros decênios republicanos, as produções intelectuais e historiográficas prepararam o panorama da vida gaúcha e, por que não

dizer, do sujeito gaúcho. Os escritos sobre os acontecimentos e a identidade do homem da terra ficaram, por muito tempo, a favor de elementos ligados ao castilhismo-borgismo ou aos representantes das frentes liberais. Alves (2002, p. 44) pontua que “desse modo, o conflito entre maragatos e pica-paus se estenderia para além das atividades bélicas, deixando uma grande herança representada pelos confrontos discursivos”.

Todavia, fica ausente, nessas abordagens, qualquer objetivo de inserir os conflitos numa conjuntura mais ampla, analisando o conteúdo social e econômico, fundamentais no desenrolar dos acontecimentos e formação do indivíduo daquele período. É sobre essa revisão historiográfica que Martins se debruça, ao construir a imagem do “gaúcho a pé”, majestosamente representado por Guedes, em “Saudade” (1957).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto “Saudade”, de Cyro Martins, trata-se de uma criação além de seu tempo, representando a situação do homem do campo frente aos problemas sociais e econômicos que marcaram a história do Rio Grande do Sul durante a primeira metade do século XX. A relação entre literatura e história é um entrelaçamento das memórias do autor e as vivências coletivas às quais é exposto enquanto gaúcho. Assim, compreende-se a marginalização do homem do campo, até então endeusado nos romances consagrados do período, por exemplo O Vaqueano, de Apolinário Porto-Alegre. Esse novo quadro delineado oferece abertura para outras perspectivas para a personagem-gaúcho, de uma vida autônoma, sem servilismo; de uma estrada nova rumo à urbanização e à profissionalização.

REFERÊNCIAS

ALVES, Francisco das Neves; FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. **Revolução Federalista: história & historiografia**. Rio Grande, RS: FURG, 2002. 106 p.

DIMAS, Antônio. **Espaço e romance**. São Paulo: Ática, 1985.

FREITAS, Décio. CYRO MARTINS E A HISTÓRIA SOCIAL DO GAÚCHO. In: KETZER, Solange Medina; MOREIRA, Maria Eunice; MARTINS, Maria Helena (Org.). **Múltiplas leituras: Ensaio sobre Cyro Martins**. Porto Alegre: Edipucrs, 2008. p. 47-50.

HOHLFELDT, Antônio Carlos. O LADO DAS SOMBRAS: LITERATURA E SOCIEDADE EM CYRO MARTINS. In: KETZER, Solange Medina; MOREIRA, Maria Eunice; MARTINS,

Maria Helena (Org.). **Múltiplas leituras**: Ensaios sobre Cyro Martins. Porto Alegre: Edipucrs, 2008. p. 9-20.

MARTINS, Cyro. **Paz nos Campos**: Contos e novelas. Porto Alegre: Globo, 1957. p. 38-39.

_____. **Para início de conversa**. Porto Alegre: Movimento: 1990.

_____. **Estrada nova**. Porto Alegre: Movimento: 1992.

_____. **Porteira fechada**. Porto Alegre: Movimento, 1993.

_____. **Sem rumo**. Porto Alegre: Movimento, 1997.

MARTINS, Maria Helena (Org.). **Múltiplas leituras**: ensaios sobre Cyro Martins. Porto Alegre: Edipucrs, 2008. p. 51-62.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. 3.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986. 141 p.

_____. O mundo da imagem: território da história cultural. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza (Org.). **Narrativas, imagens e práticas sociais**: percursos em história cultural. Porto Alegre: Asterisco, 2008. p. 99-122.

POZENATO, José Clemente. **Processos culturais**: reflexões sobre a dinâmica cultural. Caxias do Sul: EducS, 2004.

SOARES, Alexandra Munareto. **Literatura e história**: narrativas de opressão e silêncio em Cyro Martins. 2009. 125 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2009.

STEIN, Ernildo. A trilogia do gaúcho a pé em Cyro Martins: revolução da literatura menor no seio da grande literatura. In: KETZER, Solange Medina; MOREIRA, Maria Eunice; MARTINS, Maria Helena (Org.). **Múltiplas leituras**: ensaios sobre Cyro Martins. Porto Alegre: Edipucrs, 2008. p. 51-62.